



Governo Municipal
Campos do Jordão

Autor: David Bernanrdo Mendes (Ninguém)

Cidade: Tremembé/SP

O Livro Que Me Escreveu

Chamo-me Ninguém.

E é curioso pensar que, ao me nomear assim, encontrei o único nome capaz de conter todos os que já fui. Vim ao mosteiro para terminar um livro — mas pressinto que é o livro que está tentando terminar comigo.

Aqui, o silêncio é uma forma de oração.

As paredes exalam histórias, e há túneis que parecem respirar sob o chão úmido, como se esperassem o momento certo para falar. Frei Antônio, com sua voz feita de pausas e sabedoria, costuma dizer:

“Você não está procurando respostas. Está procurando coragem para aceitá-las.”

E talvez ele tenha razão.

Nos primeiros dias, as madrugadas eram povoadas por baratas e pensamentos. Eu e “Bela” — a pequena companheira de seis patas — dividíamos o pão e o vazio. Ela me ensinou que o amor é suportar a presença do outro enquanto ainda há distância segura.

Mas nem tudo aqui é silêncio.

Frei Anselmo, o velho maestro de oitenta e nove anos, ainda conversa com os ecos de suas notas antigas.

“A música”, ele sussurra, “é a forma como Deus organiza o silêncio para nos alcançar.”

Cada som que brota do mosteiro — o ranger da madeira, o pingar da torneira, o respiro do vento nas frestas — soa como uma prece antiga. É como



Governo Municipal
Campos do Jordão

se aprópria alma do lugar tentasse lembrar o que o mundo fez questão de esquecer.

Porque aqui, nas pedras frias deste claustro, repousam histórias que não constam em nenhum livro de história.

Os Trapistas que passaram por Tremembé não vieram apenas rezar — vieram esconder. Vieram apagar rastros. Vieram enterrar segredos. E o que eu descobri nas minhas investigações — túneis que cruzam sob igrejas, registros apagados, datas coincidentes com a fuga de nazistas protegidos pela Igreja — tudo isso parece formar um rosário de sombras.

Os nomes das lápides — Xisto Braun, Frei Fidencio, Frei Donato, Frei Gancio Tyborra — soam mais como códigos do que epítáfios. Alguns túmulos perderam suas placas, como se alguém quisesse arrancar o passado pela raiz.

Mas o passado não morre: ele cochila.

E, às vezes, acorda em nós.

Quando descobri que o bispo Alois Hudal ajudara oficiais da SS a se refugiarem no Brasil com identidade franciscana, senti uma vertigem. E se o mosteiro onde agora escrevo fosse um dos elos dessa rede? E se a fé tivesse sido usada como túnel — um subterrâneo moral para transportar a culpa?

Há noites em que acordo suando, com a sensação de que alguém passa pelo corredor. Talvez seja Frei Anselmo, talvez sejam os ecos dos que vieram antes. Mas há também a possibilidade de que seja a memória tentando entrar pela porta.

No refeitório, Frei Antônio me oferece mel.

Ele diz que “a verdade é amarga de colher, mas doce de entender”.

E, ao dizer isso, olha-me com a mesma expressão dos que já viram demais.

Penso em Tremembé, na cidade que me moldou e me expulsou. Penso nos túneis sob a Basílica do Senhor Bom Jesus, nas passagens que uniam o casarão ao sanatório, nos relatórios da CIA e da KGB que guardo em caixas de papelão. Penso nos Trapistas que desapareceram e nos documentos queimados pela fé e pela conveniência.



Governo Municipal
Campos do Jordão

Mas acima de tudo, penso no menino que fui — arrancado da mãe, criado entre cavalos e silêncios — e percebo: os túneis que tanto procuro por fora são os mesmos que evitei dentro de mim.

Há uma frase que não me abandona:

“Nem tudo que está enterrado... está mesmo morto.”

E talvez seja isso que “O Diário Franciscano” realmente seja — uma escavação.

Não de terras, mas de memórias.

Não de ossos, mas de vozes.

Um trabalho arqueológico sobre o invisível.

Eu vim até aqui achando que buscava a história dos outros.

Mas cada documento que traduzo, cada nome que encontro, cada eco que ressoa nas madrugadas me mostra que o verdadeiro arquivo está dentro de mim — e que a história que tento escrever é, na verdade, a história que a minha alma esqueceu.

Talvez o livro esteja me escrevendo.

Talvez o mosteiro seja apenas o espelho onde o invisível se reflete.

Talvez a verdade não esteja nas catacumbas nem nos arquivos secretos, mas

no que acontece quando encosto a mão em uma pedra antiga e ela me devolve um arrepio.

O tempo, aqui, não corre — ele ora.

E cada amanhecer me pergunta, em silêncio:

“Você veio terminar o livro... ou permitir que ele termine você?”